

Sociedade

SUSTENTABILIDADE

Cenário de risco

Modelo computacional prevê impacto das influências externas em três tribos indígenas

SÉRGIO MATSUURA
sergio.matsuura@oglobo.com.br

Populações habitam a região amazônica há milhares de anos, mas o avanço de elementos da vida moderna está pondo em risco a sustentabilidade desses povos e do ecossistema onde vivem. Essa é a conclusão de um estudo elaborado pela equipe do biólogo português José Fragoso, da Universidade Stanford, nos EUA. Durante três anos e meio, os pesquisadores coletaram dados de campo em três tribos para avaliar o impacto de quatro das principais influências externas no interior de reservas indígenas. Por modelo computacional, eles previram cenários por um período de 250 anos, no qual três dessas influências tiveram efeitos significativos na população, cobertura florestal e biodiversidade locais — uma delas provocou até o colapso do sistema.

Os cientistas avaliaram a oferta de serviços avançados de saúde, a substituição de crenças e crenças religiosas tradicionais, a degradação das áreas no entorno das reservas e a introdução de fontes externas de alimentos. O estudo foi feito com base em dados coletados nos grupos indígenas Macuxis, Uapixanas e Uaiuais, que somam cerca de dez mil pessoas em reservas na fronteira entre o Brasil e a Guiana. Das variáveis analisadas, apenas os impactos dos médicos não provocaram danos.

— Os resultados do modelo mostram que apenas não invadir áreas indígenas não é suficiente — diz Fragoso. — O que acontece no entorno das reservas tem grande impacto no interior.

SISTEMA EM COLAPSO

O pior problema seria a introdução de fontes externas de alimentos. Nos modelos computacionais, esse elemento provocou um rápido aumento da população, com pressão sobre a biodiversidade e cobertura florestal. Em certo ponto, o sistema entrou em colapso, com a região não sendo mais capaz de suportar o peso populacional. A mudança na dieta também gerou problemas de saúde antes inexistentes.

— Os povos podem ficar dependentes da comida industrializada, o que provoca doenças — diz o pesquisador sobre a previsão. — Ou a população aumenta tanto que os recursos naturais se tornam insuficientes.

De acordo com o diretor de Promoção ao Desenvolvimento Sustentável da Fundação Nacional do Índio (Funai), Artur Nobre Mendes, tribos brasileiras já sofrem com o contato com alimentos externos. A imagem romântica do índio forte e saudável está sendo substituída por obesidade e doenças relacionadas, como diabetes e hipertensão. O "Inquérito Nacional de Saúde e Nutrição dos Povos Indígenas", elaborado pela Fundação Nacional de Saúde em 2010, já apontava que 22,4% das índias das regiões



Uaiuais. Hábitos como fazer a própria farinha podem ser substituídos por opções industrializadas e menos saudáveis com a introdução de fontes externas de alimentos



A substituição de crenças e rituais religiosos tradicionais é uma ameaça aos povos indígenas

Sul e Sudeste sofriam com obesidade. Estudo mais recente, elaborado por pesquisadores da USP e Unifesp entre índios Xavantes, no Mato Grosso, revelou obesidade em metade da população e índice de prevalência de diabetes de 28,2% entre a população adulta — quatro vezes maior que a média no país. Segundo Mendes, esses males são, em parte, "efeitos colaterais" de políticas assistenciais, como o Bolsa Família. — A gente vê com muita preocupação o consumo de produtos industrializados, que estão provocando obesidade e doenças relacionadas em terras indígenas — conta o diretor da Funai. — Existem pesquisas que associam esse problema à extensão de programas de assistência social, como Bolsa Família e aposentadoria rural, que são positivos, mas têm efeitos colaterais. Com o dinheiro, eles estão mudando os hábitos alimentares, inserindo muitos carboidratos e produtos açucarados.

A substituição de crenças religiosas também é uma ameaça aos povos indígenas, afirma o pesquisador de Stanford. Nos modelos, a inserção de símbolos e novos valores provocou a redução das espécies animais e da cobertura vegetal. Paulo Junqueira, do Instituto Socioambiental, relata que o processo de evangelização está afetando a vida de um dos povos do Parque Indígena do Xingu. Metade dos cerca de 1.500 Kawaiwetês já se converteram, provocando alterações profundas nos hábitos culturais. A vestimenta mudou, festas e rituais são proibidos, assim como o casamento com duas mulheres.

— No começo, a evangelização gerou conflitos, mas agora eles percebem que não adianta brigar — diz Junqueira. Segundo Mendes, a Funai observa com preocupação a atuação de missionários em territórios indígenas, mas não há muito o que se fazer a respeito. — Essa questão é bastante delicada porque envolve a liberdade de culto — observa Mendes. — Não podemos proibir a atuação dos religiosos, a não ser que eles estejam interferindo na liberdade de culto dos índios, com flagrante desrespeito às crenças tradicionais. Os modelos de Stanford ainda indicam consequências negativas do desmatamento no entorno dos territórios indígenas na urbanização ou pelo avanço do agronegócio, levando à queda no número de animais, extinção de espécies e redução da cobertura vegetal provocada pelo empobrecimento do solo. •

antonio@gois.edu@gmail.com

ANTÔNIO GOIS



EDUCAÇÃO

Blindar a educação

Numa área em que resultados tendem a ser de longo prazo, conquistas ou retrocessos raramente são obra de só um governo

Tempos tão radicalizados na política quanto o que estamos vivendo hoje no Brasil acabam deixando em segundo plano a discussão de problemas estruturais do país. Nesse cenário, proliferam também análises simplistas e sempre contaminadas por paixões. A depender do lado da torcida, a lógica do "nunca antes na história desse país" é usada para defender ou atacar.

O país, por exemplo, comemora hoje o aumento da proporção de alunos negros no ensino superior. Ainda há um longo caminho a percorrer se considerarmos que o maior acesso desse grupo ainda acontece em carreiras de menor prestígio salarial. Mas o crescimento é uma boa notícia. Em 1992, apenas 19% dos universitários se autodeclararam ao IBGE como sendo pretos ou pardos. Em 2014, último dado disponível da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), já são 42%.

Políticas como a lei de cotas em universidades federais ou o ProUni em instituições privadas, criadas durante governos petistas, contribuíram para esse crescimento, mas não explicam tudo. A série histórica da Pnad mostra que esse movimento começou em 1998, e aconteceu principalmente no setor particular.

Quando Lula assumiu a Presidência em 2003, a proporção de negros no ensino superior, que

era de 18% cinco anos antes, estava em 25%. O crescimento iniciado em 1998 continuou de forma ininterrupta durante as gestões petistas, tendo chegado aos 42% verificados em 2014.

Vale registrar que o setor que mais contribuiu para esse crescimento foi o privado, onde o salto na proporção de universitários negros foi de 18% para 42% entre 2001 e 2014. No mesmo período, a variação no setor público foi de 31% a 44%. Essa

maior inclusão de negros no ensino superior em instituições particulares é explicada pelo fato de o setor ter se expandido muito desde a gestão tucana e também graças a políticas específicas de inclusão criadas pelo PT, caso do ProUni.

Esse aumento também só foi possível porque mais jovens negros conseguem concluir o ensino médio. Em 1995, apenas 11% deles tinham esse nível completo na idade dos 16 aos 24 anos. Em

2003, quando Lula assumiu, o número havia subido para 28%. Hoje está em 49%.

Infelizmente, não faltam também exemplos de áreas em que governo algum nos últimos 20 anos conseguiu avançar. Os pífios indicadores de qualidade do ensino médio são um exemplo disso. Em 1995, apenas 12% dos jovens concluíam essa etapa com aprendizado adequado em matemática. Em 2013 (último ano com dado disponível), o número continua assustador, com apenas 9% tendo aprendizado adequado.

Cada gestão, obviamente, teve seus erros e acertos no setor, e nunca haverá consenso político em relação a quem errou ou acertou mais. Divergir faz parte do jogo democrático. Mas, na educação, por ser uma área em que resultados tendem a aparecer apenas no longo prazo, é ainda mais importante entender que conquistas ou retrocessos estruturais raramente acontecem por obra de um único governo. Por isso é tão importante pactuar políticas públicas que sejam eficientes e sobrevivam à troca de ministros ou presidentes. •

NA WEB
http://gois.1713ag
Veja no blog gois.com os indicadores citados